

Covas e Sant'Anna usam a paz como arma para guerras futuras

Tadeu Afonso
e Bob Fernandes

BRASÍLIA — Depois dos confrontos verbais na convenção nacional do PMDB, em julho, a moderação e o jogo de esconde-esconde político. É essa a tática comum que está sendo adotada na Constituinte pelo líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, e pelo líder do PMDB, senador Mário Covas.

O objetivo comum é um só: ganhar o centro — a maioria indefinida — na batalha da Constituinte e montar alianças para as duas próximas guerras. A primeira será a eleição da Comissão Executiva

nacional do PMDB, em março de 1988. A segunda, sucessão presidencial.

Assim, não foi à toa que Sant'Anna e Covas trataram de fazer retumbantes elogios a Ulysses no encerramento da convenção. O objetivo já começou a se tornar claro naquela mesma noite de domingo. Ulysses representa hoje o centro pemedebista e, para onde se inclinar, dará a vitória à centro-direita ou à centro-esquerda do partido.

Sant'Anna, dias depois da convenção, anunciou que se colocava sob o comando de Ulysses nas articulações para a aprovação da Constituição. Covas não chegou a tanto. Partiu para uma campa-

nha nacional com a intenção de recolher cinco milhões de assinaturas numa emenda popular propondo a realização de eleições presidenciais a 15 de novembro de 1988.

Se age assim ostensivamente, Covas também sabe usar a mão do gato. Afinal, os coordenadores dos dois mais importantes grupos de negociações em torno da Constituição são seus fiéis e incondicionais aliados: o senador José Richa, que comanda o "Grupo dos 32", se infiltra no centro do PMDB, e o "Grupo do Consenso", liderado pelo deputado Euclides Scalco, que se insinua pela esquerda e pelos "modernos" do PFL.

Depois do barulho, o silêncio

Cerco a um candidato à Presidência

Queimado ao centro e à direita e insultado na convenção do PMDB, onde "comunista" foi uma das expressões mais delicadas que lhe dirigiram, o senador Mário Covas passou a agir com estrondo nas ruas, pregando as diretas em 88, e silenciosamente na Constituinte.

O motivo é simples. Se assumir ostensivamente o comando das articulações na Constituinte, será bombardeado por todos, do centro à direita, dentro e fora do partido. Inclusive por Ulysses. Afinal, é o candidato em ascensão à Presidência e todos, do centro e à direita do PMDB, passando pelo PFL e pelo PDT, gostariam de vê-lo empalhado ou frito.

Submerso, como Sant'Anna, manteve seus exércitos e começou a agir com mão de gato. Não é por acaso que o senador José Richa e o deputado Euclides Salco estão na liderança dos dois mais fortes grupos de negociação em torno da Constituição. Richa comanda o "Grupo dos 32", que se infiltra pelo centro e à direita e conta com adesões de constituintes, como Francisco Dornelles (PFL-RJ), Sandra Cavalcante (PFL-RJ), Inocêncio de Oliveira (PFL-PE) e Nyder Barbosa (PMDB-ES), que segue as posições da UDR na reforma agrária.

Já Scalco se infiltra também pelo centro e não esquece de se insinuar na esquerda. Assim, o grupo ganhou o apoio dos "modernos" do PFL, que não concordam com as posições do líder do partido, José Lourenço. Ao mesmo tempo, marcou outro gol ao obter a adesão de toda a esquerda na Constituinte, do PT à Unidade Progressista, que elegeu o grupo como o mais aberto ao entendimento.

Imagem — Se age com estrondo nas ruas, recolhendo assinaturas para uma emenda popular marcando as eleições presidenciais para 1988, Covas também age silenciosamente para desfazer em outros setores da sociedade, fundamentais numa sucessão presidencial, a impressão de que seja um huno da esquerda.

Em São Paulo, tem se encontrado com o empresário Antônio Ermírio de Moraes, prestes a ingressar no PFL para disputar a Prefeitura de São Paulo. Ermírio cabalou voto para Covas na disputa pelo Senado nas eleições do ano passado. Na semana passada, declarou que votaria em Covas para a Presidência. O senador deve ter agradecido essa declaração com profunda emoção.

Como disse o senador Fernando Henrique Cardoso, seu cordial adversário e leal aliado, simultaneamente, na política, às vésperas da convenção, Covas já ganhou as bases do partido e a opinião pública com a defesa das eleições diretas em 88. Resta-lhe seduzir o centro e os cardeais do PMDB.

Cercado — Do outro lado, o fogo é cerrado. Sant'Anna o acusa de esquerdista. Outro líder da direita pemedebista, o deputado Roberto Cardoso Alves, ouvido sobre o "isolamento" de Covas na Constituinte, respondeu: "Isolado? Não concordo. O Covas está cercado pela esquerda. Ele é o líder das esquerdas."

Como Sant'Anna, Covas sofreu também no início da Constituinte. Candidato declarado à liderança do partido na Constituinte, foi boicotado por Ulysses. Eleito, passou semanas à espera de um gabinete, como o líder do governo. Acabou ganhando espaçosas instalações na Comissão de Relações Exteriores, mas sentiu uma alfinetada de Ulysses. Seu gabinete, sem janelas, é permanentemente refrigerado, o que faz o senador enfrentar constantes resfriados.

Numa tarde, ao receber um grupo de jornalistas, lenço à mão para estancar uma renitente coriza, desabafou: "Esse gabinete é uma armadilha. Não tem janelas e fica esse ar viciado de cigarros. O Niemeyer devia ser condenado a viver permanentemente nesta sala". Alguns repórteres saíram com a impressão de que ele usava o nome do arquiteto Oscar Niemeyer para se referir a outra pessoa. (BF)



Covas: com Ulysses

O braço do Planalto no Congresso

Queimado ao centro e à esquerda e insultado na convenção, onde "fascista" foi uma das expressões mais delicadas que lhe dirigiram, Carlos Sant'Anna submergiu e passou a agir silenciosamente. Conseguiu fazer com que o Planalto concordasse com a designação informal de vice-líderes do governo na Câmara para defender o presidente Sarney do fogo cerrado da esquerda do partido. E, apesar de ter sido abandonado pelo governo na batalha pela votação do mandato na convenção, Sant'Anna abafou uma rebelião dentro do Centro Democrático, que exigia ministérios e cargos na administração em troca de sua fidelidade.

Ao mesmo tempo, o líder convenceu o Centro Democrático de que se o grupo conseguisse aprovar uma constituição ao gosto do Planalto, teria demonstrado força e competência para vir, futuramente, a influir no governo, na sucessão de Ulysses dentro do partido e na do próprio Sarney. Assim, não foi à toa que, ao anunciar sua adesão ao bloco conservador do centro-liberal na Constituinte, o Centro Democrático acrescentou que agiria como uma verdadeira sublegenda dentro do movimento.

Os centros — O Centro Democrático elogia Ulysses e diz que quer apenas aperfeiçoar o projeto que o relator Bernardo Cabral vai apresentar ao plenário até o final deste mês. Assim, desvestindo-se da roupagem radical que assumiu ao derrubar o relatório do senador Severo Gomes na Comissão da Ordem Econômica — para impor um anteprojeto ao gosto da UDR e dos conservadores —, o Centro Democrático procura aproximar-se do centro comandado por Ulysses.

O raciocínio é simples: contar com a boa vontade de Sarney na distribuição das benesses do governo e influir na administração, de um lado. Do outro, preparar-se para a sucessão interna do PMDB e a campanha presidencial. A direita pemedebista está órfã de candidatos presidenciais e Ulysses é o nome que lhe é mais palatável. Covas, nem pensar — provoca horror.

Antes, porém, da sucessão, Sant'Anna e o Centro Democrático vão disputar o controle do partido, com ou sem Ulysses. Isso é questão fechada para o líder e seus liderados. A idéia da criação do Partido do Centro Democrático, acalentada pelo deputado Expedito Machado, foi temporariamente arquivada. A ordem, agora, é conquistar o comando do PMDB na convenção de março do ano que vem, trazendo o partido para a centro-direita e dele expulsando a esquerda. O gozado é que a esquerda quer fazer o mesmo, só que ao contrário.

Para chegar a isso, Sant'Anna sofreu. Apesar de poder decidir quem seria nomeado para cargos federais, sofreu com a má vontade de Ulysses, que não gostou de ter um braço do Planalto agindo por conta própria dentro do partido.

Dureza — Durante meses, já como líder do governo na Câmara, Sant'Anna despachava em acanhado gabinete de uma das comissões técnicas da casa, onde nem havia uma placa indicativa. O deputado só recebeu um carro oficial, com direito a placa de bronze, recentemente. Também só recentemente ganhou um gabinete maior e mais funcionários. Mesmo assim, Ulysses não deixou de alfinetar Sant'Anna.

Dominando o corredor de acesso às suas salas está o gabinete da liderança do Partido Comunista do Brasil. O deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) chegou a esbravejar por causa dessa ironia florentina. Segundo ele, Ulysses deu aos comunistas uma excelente oportunidade de controlar o acesso ao gabinete e saber quais os pemedebistas que entram e saem. Sant'Anna ri divertido com a história, mas também com um pouco de amargura.

Mesmo assim, procura agora uma aliança com Ulysses, fazendo-o até o candidato da direita e do centro à Presidência para bombardear o adversário comum: o senador Mário Covas e as esquerdas. (TA)



Sant'Anna: vitórias

Arquivo — 25/3/86

Brasília — Luiz Antônio Ribeiro